

HISTÓRIA DE VIDA, TRABALHO E PROJETO DE VIDA

Yana Thamires Mendes Felix
Simone Salviano Alves
Larissa do Nascimento Lemos
João Carlos Alchieri (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal - Rio Grande do Norte - Brasil
jcalchieri@gmail.com

INTRODUÇÃO

As organizações de trabalho buscam a máxima eficiência de seu funcionamento, de acordo com o modelo econômico capitalista, sem considerar o tipo de relação que seus trabalhadores constituíram com a atividade que exercem, relação que influencia na eficiência do trabalho e no bem estar do trabalhador. Entretanto, o trabalho tem inicialmente um papel fundamental no bem estar físico e emocional do ser humano, sendo inclusive uma condição para a sua humanização e realização existencial. (Antunes, 1995)

O trabalho enquanto processo histórico é um fator que diferencia o indivíduo dos demais, dá a ele uma identidade e significado a sua vida, permitindo que ele coloque em sua produção uma impressão de si mesmo. Além disso, sua atividade laboral, permite que modifique a natureza, a realidade como um todo e possa atender as necessidades que possui. Dentro do sistema vigente, o trabalho adquiriu um sentido mais ligado ao controle social dos indivíduos, alienante e que não apenas limita as escolhas individuais, mas as orienta de acordo com as necessidades do sistema econômico. (Catão, 2001)

Durante a atividade profissional o ser humano vai planejar seus objetivos de vida e realizar seus desejos. Outro importante papel do trabalho é a cidadania que ele constitui ao trabalhador e a projeção social que ele proporciona ao mesmo dentro de suas relações interpessoais. É por este motivo que a escolha da profissão se torna parte da identidade social e subjetiva do trabalhador. (Mendes; Gusmão; Faro & Leite, 2005)

É fundamental a existência de sentido no trabalho, tanto diante do que foi produzido, quanto na representatividade social que está agregada a cada função. Portanto, é essencial compreender os sentidos que envolvem o trabalho para o homem na sociedade atual, levando em consideração sua afetividade, contexto cultural, função social, organizacional e a satisfação quanto as suas atribuições. E para que se possa alcançar um entendimento de como se dão esses processos é necessário compreender as relações entre o contexto social, histórico e os aspectos psicológicos que orientam o ser social ao longo de sua vida e de suas escolhas. (Dourado; Holanda; Silva & Bispo; 2009)

O contexto psico-sócio-histórico é gerador de angústias e impulsiona as pessoas na construção de seus projetos de vida. Por exemplo, em uma situação de exclusão e desigualdade social, muitos indivíduos sujeitam-se as mais variadas atividades rentáveis, na busca de uma melhor qualidade de vida e ascensão social. Existe, porém, um medo constante de estar em uma posição de exclusão, porque isso afeta também a forma como a pessoa percebe a si mesma, por este motivo a busca de estabilidade é prioritária e uma das consequências é a grande procura por concursos públicos com esse propósito, desde o ingresso universitário até a colocação em instituições empregatícias.

Pode-se compreender então, segundo Guareschi (2005), que o processo de exclusão vai se constituindo na medida em que o indivíduo não consegue corresponder as necessidades fundamentais para a manutenção do sistema, sendo então descartado por ele. E Sawaia (2006), afirma que é a visão marxista que expõe o problema da miséria e da servidão enquanto uma dialética de exclusão/inclusão, possibilitando ao sistema que adéque até o excluído e sua força de trabalho a seu funcionamento, utilizando-se da alienação do trabalhador enquanto uma forma de organizar e controlar a ordem social. A exclusão social, de acordo com Sawaia

(2006) e Leal (2008), não é apenas uma forma de dominação, mas de “não-realização” dos direitos básicos da cidadania e principalmente diante do poder político. Além disso, a sociedade responsabiliza o excluído pela sua condição e ele conseqüentemente não se sente capaz de transformá-la. Dentro, portanto, de tal processo, fica claro a influência da afetividade, que enraizada na vida dos seres humanos, provoca suas ações, reforça suas crenças e move sua existência.

Maturana (1997, apud Bôas, 2004), afirma que a sociedade enquanto constituída por seres racionais desvaloriza as emoções e alimenta uma crença de que elas podem ser separadas de certos aspectos da vida dos indivíduos. Ballone (2007), diz que as emoções são parte da consciência do ser humano e vão constituindo-se ao longo da vida de acordo com cada uma de suas experiências. Cada lembrança, virá sempre acompanhada dos sentimentos que envolvem o momento vivido e que acompanham a formação dos significados. E tais significados vão desenvolver-se em continuidade com o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, podendo alterar-se de acordo com os movimentos que a vida humana faz. Pois, os significados são fenômenos sociais e históricos, que se transformam nas ideologias, entre outras funções psicológicas. (Sawaia, 2006)

Sendo assim, a polícia rodoviária federal enquanto instituição oferece aos policiais pouco suporte emocional, mesmo considerando o estresse que tais trabalhadores precisam enfrentar. Embora seja uma carreira bem sucedida, devido à estabilidade financeira e o status social que oferece, traz consigo muitas responsabilidades e riscos, tanto emocionais quanto físicos. Mas ainda assim, encontram prazer na atividade que realizam e certamente, ao chegarem ao final de suas carreiras sentirão a quebra de suas rotinas, porém a forma como vão vivenciar esse momento, dependerá de muitas implicações na vida de cada um deles.

Trabalhar com estes indivíduos através da reconstrução de seus projetos de vida, analisando os entrelaçamentos de suas histórias e como significam seu trabalho, pode ser uma ferramenta extremamente útil, permitindo que sintam-se livres e capazes de realizar-se em novos objetivos e desejos em suas vidas. Manter-se em atividade é, portanto, fundamental não em uma atividade exaustiva, mas algo que os dê prazer e possibilidades de expressar-se enquanto seres humanos. Pois a vida precisa de interação social, as pessoas precisam estar ligadas umas as outras, cada ação afeta a todos, relacionadas em uma teia de intercorporeidade e intersubjetividade (Catão, 2001 e Chauí, 2009).

OBJETIVO GERAL

O objetivo desta pesquisa foi avaliar os significados elaborados por policiais rodoviários diante da escolha de sua profissão.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os entrelaçamentos entre a histórias de vida e a escolha da carreira;
- Analisar possíveis ações de impacto no contexto da polícia diante dos afetos elaborados;
- Identificar os afetos que entrelaçam as relações de trabalho, a busca pela ascensão social e qualidade de vida.

METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado com policiais rodoviários federais no Município de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba. Foi necessário manter contato prévio com a instituição, uma vez estabelecido o contato, verificou-se a disponibilidade dos policiais em participarem de forma voluntária da pesquisa.

PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 13 policiais rodoviários federais, todos exercendo ativamente suas funções. É possível identificar sobre a amostra que 92,3% são homens, 61,5% estão na faixa etária de 50 a 59 anos, sendo 84,6% casados e com educação em Nível Superior

completos, com 84,6% da amostra na faixa salarial de 6 mil a 9.500,00 reais e possuem em maioria (69,2%) de 11 a 20 anos de serviço.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Em um primeiro momento, os dados foram obtidos através da aplicação de um questionário semi-aberto para caracterização sócio-demográfica e seleção dos participantes. Posteriormente e mediante essa caracterização, foram realizadas, de forma individual, as entrevistas semi-estruturadas, constando de questões acerca da temática em foco. Na oportunidade, explicitavam-se os objetivos da pesquisa, garantindo o anonimato e a confidencialidade das respostas, indicando que estas seriam analisadas em conjunto.

RESULTADOS

Sobre os Significados da História de Vida e Trabalho, os dados apontaram duas classes relacionadas entre si: “Sobrevivência e Ascensão Social” & “História de Vida, Projeto de vida e Liberdade”

Tabela I. Distribuição das unidades de contexto elementar (UCE) da História de vida, capturadas através de entrevistas com Policiais Rodoviários Federais.

Classes	Policiais Rodoviários	
	UCE Entrevista (f)	%
Sobrevivência e Ascensão Social	173	61.35%
História de Vida, Projeto de vida e Trabalho	109	38.65%

Nesta tabela observa-se que houve o predomínio de UCE no significado Sobrevivência e Ascensão Social, com 61.35% enquanto que o significado Projeto de vida e Trabalho emerge com 38.65%.

Sobrevivência e Ascensão Social.

Estes significados foram capturados a partir do dito acerca da história de vida dos entrevistados, suas metas para o futuro, busca por emprego, necessidade de melhoria de vida e sobrevivência. As motivações que levaram estes trabalhadores a tornarem-se Policiais Rodoviários Federais e as dificuldades que tiveram que enfrentar, para ter um emprego fixo e seguro, tais como, preconceito, risco de morte e pouco tempo para dedicar-se a si e a família. Tudo para alcançar um lugar social que os fizessem sentir aceitos, viver financeiramente independentes, com dignidade e realizar seus sonhos.

A Sobrevivência e a Ascensão nesta classe estão especialmente ligadas à busca por emprego e a sua importância para a satisfação de necessidades básicas de vida dentro do sistema capitalista, o alcance da dignidade e autonomia, para desfruto pessoal, para a família e perante a sociedade. São essas as motivações principais para que chegassem a profissão em que atuam hoje, mostrando esta escolha não como uma satisfação de um desejo em si, mas uma forma de satisfazer as idealizações sociais de status e poder financeiro. Como pode ser identificado nas falas a seguir:

Sujeito 5 – “(...), **e surgiu uma oportunidade de concurso, minha mãe disse: vai haver um concurso do banco do estado da Paraíba, você num quer fazer não? (...), e depois você tenta na sua área. E eu, tive que me submeter, porque se eu não fizesse, ela ia pensar, meu filho não tá querendo nada na vida (...)**” (idade: 57; sexo: masculino)

Sujeito 3 – *“Minha história de vida, vamos começar do **passado, eu nunca pensaria em fazer um concurso na polícia na época que eu fiz o concurso, (...), e estou aqui graças a Deus tenho um emprego bom, o salário é gratificante e eu me vejo, daqui a uns dias já aposentado, se Deus quiser. Com relação ao meu futuro eu penso em não parar (...)**”* (idade: 45; sexo: masculino)

Os indivíduos superaram dificuldades no mercado, na família e o preconceito, para alcançar seus objetivos de vida. Submeteram-se a concursos públicos não a partir de seus desejos de realização pessoal e habilidades, mas por significarem uma maneira de atingir lugares mais altos dentro da hierarquia social. Acabaram então em um contexto inesperado, mas satisfeitos por atender a uma demanda de autonomia financeira e papel social.

Envolveram-se completamente com o trabalho e passaram a viver em função dele e dos bens de consumo que acreditam ser uma necessidade, deixam as atividades que dão prazer para um segundo plano, sufocam seus desejos enquanto aguardam pela aposentadoria, quando poderão finalmente apenas viver a vida. O *sujeito 12*, por exemplo, constrói sua fala em torno dos prejuízos a saúde que as condições inapropriadas de trabalho lhe acarretaram, mas que não o fizeram desistir.

Sujeito 12 - *“Problema de coluna, em decorrência por ficar pegando muito peso, a gente antes, não tinha um serviço de resgate, era a gente mesmo que fazia, certo? Tivesse onde estivesse a vítima, a gente **tinha que buscar, pegar, colocar na viatura, a viatura nossa era uma viatura de resgate, não era uma viatura só de patrulhamento, era uma ambulância também, de resgate, (...), aí isso acabou me provocando um problema de hérnia de disco, aí eu fiz a cirurgia, mas não foi bem sucedida, teve dois erros médico, aí fiquei um tempo afastado, e depois fui readaptado, não posso mais ir pra estrada, não posso mais ter a atividade fim da polícia rodoviária.**”* (idade: 52; sexo: masculino)

Há, porém quem sinta verdadeiro prazer no trabalho como é o caso do *sujeito 2*, que sente como a realização de um sonho de criança, algo tão importante para a estruturação de sua personalidade que não conseguiu ainda desligar-se da atividade mesmo que seu tempo para aposentar já tenha passado, pois sua profissão faz parte de quem ele é.

Sujeito 2 – *“Por isso que eu acabei passando desse tempo da aposentadoria, porque enquanto eu tiver me sentindo bem fazendo isso que eu vou gostar, eu tô por aqui. Gosto era meu sonho de criança era ser policial rodoviário. E o que muito me inspirou foi um filme que havia na época, O vigilante rodoviário, eu era garoto, criança e assistia **aquilo na televisão e de repente eu me vi na polícia rodoviária federal, tô aqui até hoje.**”* (idade: 62; sexo: masculino)

História de Vida, Projeto de Vida e Trabalho

A história de vida destes indivíduos influenciou diretamente em suas escolhas. A maioria veio de um contexto de necessidade e a busca pela autonomia financeira. Construíram seus futuros com esforço e dedicação, estudando, buscando oportunidades em diferentes locais etc. Para que assim pudessem construir uma família, proporcionar-lhes as melhores condições e ter liberdade para aproveitar a vida.

A construção de um projeto de vida para esta classe configurou-se como um processo de possibilidade de inclusão social, que potencializou os sujeitos para alcançar seus objetivos. Em busca de um ideal de vida, crescimento pessoal, mas principalmente financeiro, justificando seus esforços de acordo com o valor de suas aquisições. Como pode ser percebido nas falas a seguir:

Sujeito 7 – ***“Eu morava no interior com meus pais que sempre me incentivaram a estudar, fui aos nove anos pra um colégio interno já que meus pais podiam pagar aos dezessete anos me casei e aos dezoito tive a primeira gravidez, vim para João Pessoa e fiz letras na universidade federal da Paraíba.”*** (idade: 59; sexo: feminino)

Sujeito 13 – ***“Então, acho que desde os sete anos de idade, eu sempre trabalhei, ou busquei rendas alternativas, como até de engraxar sapato, pra ter um dinheirinho pra ir no final de semana pra matinê que era um tipo de cinema que dava pra entrar. Vendia produtos de época, como pra carnaval, pra são joão, e sempre me mantive trabalhando.”*** (idade: 55; sexo: masculino)

Estes pensamentos expressos nos discursos estão ligados ao mito da mobilidade social ascendente, cujo capitalismo vem nutrindo para os indivíduos que vivem as margens sociais, os mesmos acreditam que estão lá por sua própria responsabilidade e que para alcançarem uma ascensão só cabe a eles mesmos, estudar e trabalhar que serão recompensados com aquilo que almejam. (Marcelino, Catão & Lima, 2009)

Além disso, o projeto de vida vai sendo elaborado diante das relações do indivíduo com o mundo e seu contexto pessoal, a situação desejada para o seu futuro, levando em consideração os aspectos sociais, afetivos e as relações intersubjetivas entre os indivíduos, no caso dos entrevistados, um contexto de desigualdade social e privações. O projeto de vida representa para o ser humano a oportunidade de inventar seu próprio futuro, em busca de realizar-se e superar as desigualdades sociais. (Catão, 2001)

Uma vez que o papel de policial é assumido por estes indivíduos, eles passam a suportar as mais variadas adversidades no trabalho, estresse, abrem mão da convivência regular com a família e de atividades que lhes dão mais prazer e felicidade, para eles são encargos de sua atividade no intuito de realizar seus sonhos, de construir uma família, e sentirem-se independentes, livres para fazer aquilo que desejam.

Nesta classe, o trabalho surge como uma ferramenta que “compra” o prazer, mas ele em si não é uma fonte de felicidade para os trabalhadores. Por esta razão alguns desejam a aposentadoria, percebendo-a como um prêmio para seus sacrifícios, que são feitos desde muito jovens, antes mesmo de integrar-se a Polícia. E mesmo aqueles que sentem prazer na atividade que realizam, concebem a aposentadoria como a chance de “viver”, desfrutando de um lazer e de um sentimento de liberdade que o trabalho atual priva-os.

CONCLUSÃO

De acordo com o observado, a história de vida pôde ser compreendida como uma importante ferramenta rumo ao alcance da realidade subjetiva dos indivíduos e da sociedade. Consonante com isso, o trabalho surgiu como um instrumento que permite a transformação do atual no desejado. No entanto, o preço pago por tais transformações podem, muitas vezes, refletir negativamente tanto para o policial enquanto sujeito único, como para ele enquanto parte integrante da totalidade social.

As inúmeras dificuldades, acompanhadas pela falta de suporte psicológico para esses profissionais, acabam evidenciando uma negligência que prontamente percebida pelos policiais, resulta em padecimento. Porém, esse sofrimento é claramente enfrentado através de reflexões que resultam em atitudes que visam solucionar, ou mesmo amenizar os problemas, proporcionando aos sujeitos em foco possibilidades de estruturação de novos projetos de vida. Entende-se assim, que o referencial teórico construído nesse estudo propiciou um conhecimento satisfatório sobre os policiais rodoviários em relação a seu trabalho, sua história e projeto de vida.

REFERÊNCIAS

01. Antunes, R. L. (1995). *Trabalho e Estranhamento*. In: *Adeus ao Trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo, Brasil: Editora da Universidade Estadual de Campinas.
02. Ballone, G. J. (2007). *Afetividade*. Recuperado em Março, 2010, de <http://www.psiqweb.med.br/>.
03. Bôas, L. P. S. V. (2004). *Teoria das representações sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana*. São Paulo, Brasil: Psicol. Educ.
04. Catão, M. F. M. (2001). *Projeto de Vida Em Construção: na exclusão/inserção social*. João Pessoa, Brasil: Editora Universitária - Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
05. Chaui, M. (2009). *Capítulo 7 A liberdade in Convite à filosofia*. Pág. 331-340. 13º edição. São Paulo, Brasil: Editora Ática.
06. Dourado, D. P.; Holanda, L. A.; Silva, M. M. M. & Bispo, D. de A.. (2009). *Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado*. CADERNOS EBAPE. BR, v. 7, nº 2, artigo 10, p. 366-367. Rio de Janeiro. Recuperado em Março, 2010, de www.ebape.fgv.br/cadernosebape.
07. Guarecshi, P. A. (2005). *Sociologia Crítica: Alternativas de Mudança*. 58º Edição. Porto Alegre, Brasil: Editora Mundo Jovem.
08. Leal, G. F. (2008). *“Populações excluídas: uma categoria de pesquisa viável?”*. Caxambu – MG, Brasil: Anais ABEP.
09. Marcelino, M. Q. S; Catão, M. F. M. & Lima, C. M. P. (2009). *Representações Sociais do Projeto de Vida entre Adolescentes no Ensino Médio*. In: *Psicologia Ciência e Profissão*. Paraíba, Brasil.
10. Mendes, M. R.S.S. Barbosa; Gusmão, J. L. de; Faro, A. C. M. & Leite, R. C. B. de O. (2005). *A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração*. São Paulo, Brasil: Acta Paul Enferm. 18(4):422-6.
11. Sawaia, B. B. (2006). *Identidade – uma ideologia separatista? In As artimanhas da exclusão análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes.
12. Sawaia, B. B. (2006). *O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão*. In: SAWAIA, B. B. (Org.) *As Artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social*. 6º Edição. Petrópolis: Vozes.

RUA JOSÉ SERRANO NAVARRO, 174.
CEP 58050-580
CASTELO BRANCO III
JOÃO PESSOA – PARAÍBA
TELEFONE – (83) 8821-3354 / (83) 3224-5665
yanathamires@ig.com.br